

Guilherme Figueiredo, o 'grilo falante' de João

NORMA COURI

Da nossa equipe de reportagem

Claudomiro Teodoro

Os Figueiredo têm pavio curto. Guilherme não foge à regra. Nos últimos seis anos, ao ocupar a incômoda posição de irmão do presidente fez muito barulho denunciando irregularidades na administração pública, provocando a demissão do ministro da Educação Eduardo Portela e pouco tempo depois apresentando a sua própria demissão do cargo de presidente da Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro, em protesto contra a nomeação do tenente-coronel Júlio Coutinho para a Prefeitura da capital fluminense.

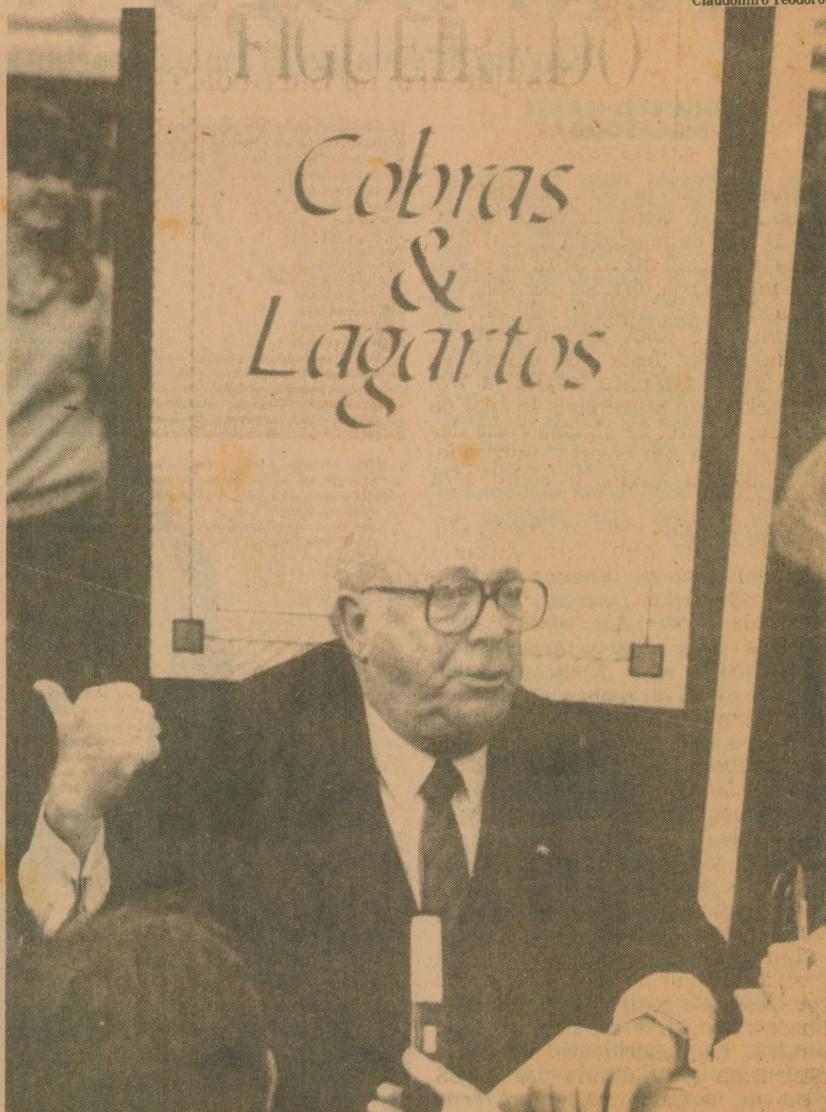
"Não sou boneco de ventríloquo do João", costumava dizer. Agora que faltam poucos meses para o irmão deixar a Presidência, Guilherme aproveita para fazer um pouco mais de barulho ao seu estilo. Um barulho que ecoa da década de 40 e tem direção certa: está na hora de se repetir as lições de democracia contidas no livro "Cobras e Lagartos" (Nova Fronteira, 352 páginas, 12 mil cruzeiros), que lançou sexta-feira na Oitava Bienal Internacional do Livro. "Não sou boneco de ventríloquo," repete, "sou antes grilo falante do João."

O livro, enviado há dois dias ao presidente, reúne artigos escritos por Guilherme Figueiredo para o suplemento "Vida Literária" do jornal carioca "Diário de Notícias" entre 1943 e 1945. Em pleno Estado Novo, alguns jornalistas abusavam das metáforas e das entrelinhas para driblar a censura, e não é à toa que esses artigos foram publicados agora, quarenta anos depois, por Sérgio e Sebastião Lacerda na Editora Nova Fronteira. O pai deles, Carlos Lacerda, e o pai de Guilherme, Euclides Figueiredo, eram colegas de combate ao regime de Vargas.

"Sou um democrata convicto", diz Guilherme Figueiredo. "Combati ao lado de meu pai na revolução de 32 em protesto contra o continuísmo presidencial e contra a ditadura que se via no governo provisório depois de 1930. Há mais de meio século já lutávamos pela eleição imediata, o voto secreto, novas Constituintes e garantias dos direitos dos cidadãos."

Segundo Guilherme Figueiredo era por esses ideais que escritores como Mário de Andrade lutaram e é por isso que entre suas "Cobras e Lagartos" estão os escritos de Andrade. ("Olha, Guilherme: nunca escreva crônica pra jornal, pra revista. Escreva sempre pensando que é livro") e o pensamento de inúmeros outros como Cecília Meireles, Georges Bernanos, Sérgio Buarque de Hollanda.

"Vibre com os comícios pelas diretas," diz Figueiredo. Só não diz seu candidato: "Me dê primeiro o direito de votar." Se Paulo Maluf for eleito, o que acontecerá? "Pergunte a ele". Quem são os candidatos que mais preza? "Sou amigo de cidadãos honrados, dignos, que mantêm a ética democrática, como Tancredo Neves e Aureliano Chaves." O Colégio Eleitoral ele acha "horível", e depois justifica: "o meu princípio é ter sempre uma posição de solidariedade ao meu irmão e ao mesmo



Guilherme: em hora de repetir as lições de "Cobras e Lagartos"

tempo às minhas idéias. No momento em que posso escolher, escolho por mim".

Suas cobras e largatos ele não identifica. "Mostro cobras e largatos, porque sou mau crítico e mau zoólogo. O leitor que os identifique." O livro que Guilherme enviou ao irmão contém o pensamento democrático de Ruy Barbosa e João Mangabeira e exaltações igualmente democráticas ao Comitê Internacional das Organizações dos Estados Americanos ou ao presidente Franklin Roosevelt.

Não há nada recente. "Nesses seis anos em que o João foi presidente, sequei. Propositalmente. Achei uma concorrência desleal publicar alguma coisa ou deixar minhas peças serem encenadas (Guilherme Figueiredo é autor de 30 livros, 22 peças, 10 traduções). E agora ficou tarde demais." Aos 69 anos, Guilherme Figueiredo preferiu missão bem diferente: aconselhar o irmão mais moço. "Não que ele peça conselhos, ele não é disso. Mas eu dou."

Seu projeto é continuar reitor da Unirio, um projeto exclusivamente seu, e apreciar os novos rumos que o País promete tomar nos próximos quatro anos. "Durante esses anos em que o João foi presidente o Brasil reconquistou a liberdade de expressão — aquela felicidade de opinar de que falava Mário de Andrade." Ele

se recusa a falar nos vinte anos de ditadura militar ("não tem nada a ver com o meu livro"), ou na influência do irmão em qualquer de seus atos ("quem escreve sou eu e não o governo"). E acha correta a retomada recente, pelo governo, dos cargos de confiança de todos os integrantes da administração que não apóiam o candidato Paulo Maluf ("é uma questão de coerência").

Guilherme Figueiredo, que autografou seus livros em frente à barraca da Nova Fronteira dizendo se sentir "uma daquelas mulheres das vitrinas de Hamburgo" (prostitutas expostas em vitrinas), respondeu a perguntas de estudantes, com provocações nas quais não se deixou cair e nem perdeu a paciência como é comum nos Figueiredo. Ao contrário. Considerando seu livro político e com endereço certo, afirmou: "É mais difícil o João ser meu irmão do que eu dele", e quando se levantou a hipótese de um golpe militar quando então seus lembretes não valerão nada, nem tampouco a voz do povo, Guilherme Figueiredo reagiu: "Depois de tantas lições, tanta humilhação, tanta frustração, tanta proibição, temos de imaginar que, afinal, o homem público não esteja tão louco."

Hoje, excepcionalmente, deixamos de publicar a coluna de Tarso de Castro